

Entre moldes, zíperes e linhas de seda, ela virou referência entre as mulheres elegantes da capital. O sucesso foi tanto que, sem perceber, Lázara se tornou uma das costureiras mais disputadas da cidade, símbolo da costura feita com precisão e amor. Com o tempo, vieram as pausas e os retornos. Quando ficou viúva, enfrentou momentos difíceis e precisou se mudar para Anápolis. Lá, cuidou das netas e da irmã, e a máquina ficou parada por um tempo. “Depois, voltei para cá, e todo mundo me procurou de novo. Minhas freguesas antigas. Então, eu voltei a costurar roupa de festa, até ficar idosa e não aguentar mais”, conta. “Eu sempre fui muito exigente. O povo virava as costuras pelo avesso e não achava defeito.”

Entre todas as peças que fez, há uma que nunca esquece: o vestido de casamento da irmã mais nova. “Ela me enganou. Disse que queria um vestidinho simples, mas mandou vir do Rio de Janeiro uma peça de tule bordado caríssima. Fiz o vestido de presente, e foi o mais bonito de todos. Todo mundo ficou encantado quando ela entrou.” Hoje, já afastada da máquina, ela ainda fala da profissão com brilho nos olhos: “Eu vivi da costura, mas o que me sustentou mesmo foi o amor que eu tinha por ela.”

Costura artesanal

Com as mãos marcadas por décadas de trabalho e o olhar atento a cada detalhe, Odete Pires, 67 anos, mantém viva uma tradição que resiste ao tempo: a costura artesanal. Há mais de 20 anos, ela também transforma tecidos em histórias, de vestidos de festa a simples ajustes do dia a dia, no ateliê montado em sua própria casa, em Águas Claras.

“Eu sempre gostei, desde criança. A necessidade de ter um trabalho, de não precisar sair de casa, foi o que me motivou”, conta. Entre linhas, moldes e tesouras, ela construiu uma clientela fiel. “Tenho muita demanda. As clientes gostam muito do meu trabalho e me indicam. Faço de tudo: ajusto roupas grandes, pequenas, aumento, reformo. Só não consigo mais pegar encomenda muito grande sob medida, porque trabalho sozinha.”

Odete viu a profissão mudar. As lojas de departamento se multiplicaram e o “feito à mão” perdeu espaço para o “feito em série”. Ainda assim, o movimento não parou. “Para reforma, sempre tem procura. As pessoas compram roupas baratas, mas sem qualidade. Então acabam vindo até mim para ajustar. Nunca uma peça vem perfeita.”

O que diminuiu, segundo ela, foi o interesse das novas gerações. “A maioria dos jovens não quer trabalhar com isso. É um trabalho demorado, que exige paciência. Às vezes, você passa duas horas só conversando com a cliente até ela decidir o modelo do vestido”, diz, sorrindo.



Odete Pires (de verde) com a irmã, a também costureira Elza Oliveira

Durante a pandemia, o trabalho dobrou de intensidade. “Eu ia até o Noroeste buscar as roupas e devolver na casa das clientes. Fiquei tão cansada que acabei doente. Este ano já não faço mais isso”, lembra. Ainda assim, ela não pensa em parar. “Enquanto eu puder costurar, vou continuar. É um trabalho que me dá prazer, e ver um cliente feliz é o melhor pagamento.”

Francinete Cutrim, 69 anos, veio do Maranhão para Brasília ainda jovem. No interior, aprendeu a costurar observando a mãe. “A costura, para mim, representa a minha vida, muito mais que uma profissão”, diz. O primeiro trabalho foi um short para o irmão. “Eu nem sabia direito o que estava fazendo, mas deu certo. Quando ele vestiu, fiquei tão feliz que nunca mais larguei a agulha.”

Aos 19 anos, quando se mudou para o Distrito Federal, foi a costura que a sustentou. Começou fazendo pequenos ajustes para vizinhos, depois passou a criar peças sob medida. Hoje, trabalha das 8h da manhã às 10h da noite. “O desafio é encontrar ajudantes. Trabalho sozinha, faço todo tipo de roupa, acompanhando as tendências, o que está nas ruas.”

O apagamento por trás das etiquetas

O personal stylist Fernando Lackman acredita que a invisibilidade das costureiras é uma das maiores injustiças do setor. “A costureira surge como figura central quando o vestir passa a ser mais do que proteção — torna-se expressão”, explica. “Mas a moda valorizou o nome do criador, não de quem executa. A costura foi vista como trabalho doméstico, associado ao feminino e ao serviço, não à arte.”

Para ele, o brilho das passarelas acabou ofuscando as mãos que tornaram o luxo possível. “Há um apagamento simbólico que mistura desigualdade de gênero, classe e reconhecimento profissional. São mulheres que construíram a base da moda brasileira, mas quase nunca tiveram seus nomes lembrados.”

Entre rendas francesas e tecidos simples, entre vestidos de festa e uniformes escolares, Francisca, Heloiza, Lázara, Odete e Francinete seguem costurando um Brasil que insiste em existir à margem do brilho das vitrines. Suas histórias se entrelaçam numa narrativa silenciosa de trabalho, dedicação e arte. Para muitas delas, a costura foi a primeira forma de autonomia, uma maneira de garantir sustento e dignidade.

O estilista resume o apreço dessas mulheres pelo detalhe, e a paciência com precisão: “A costureira é a costura viva entre o luxo e o cotidiano. Ela ensina que se vestir bem não depende da etiqueta, mas do cuidado. Por trás de toda grande criação, há mãos invisíveis que transformam o tecido em emoção”.